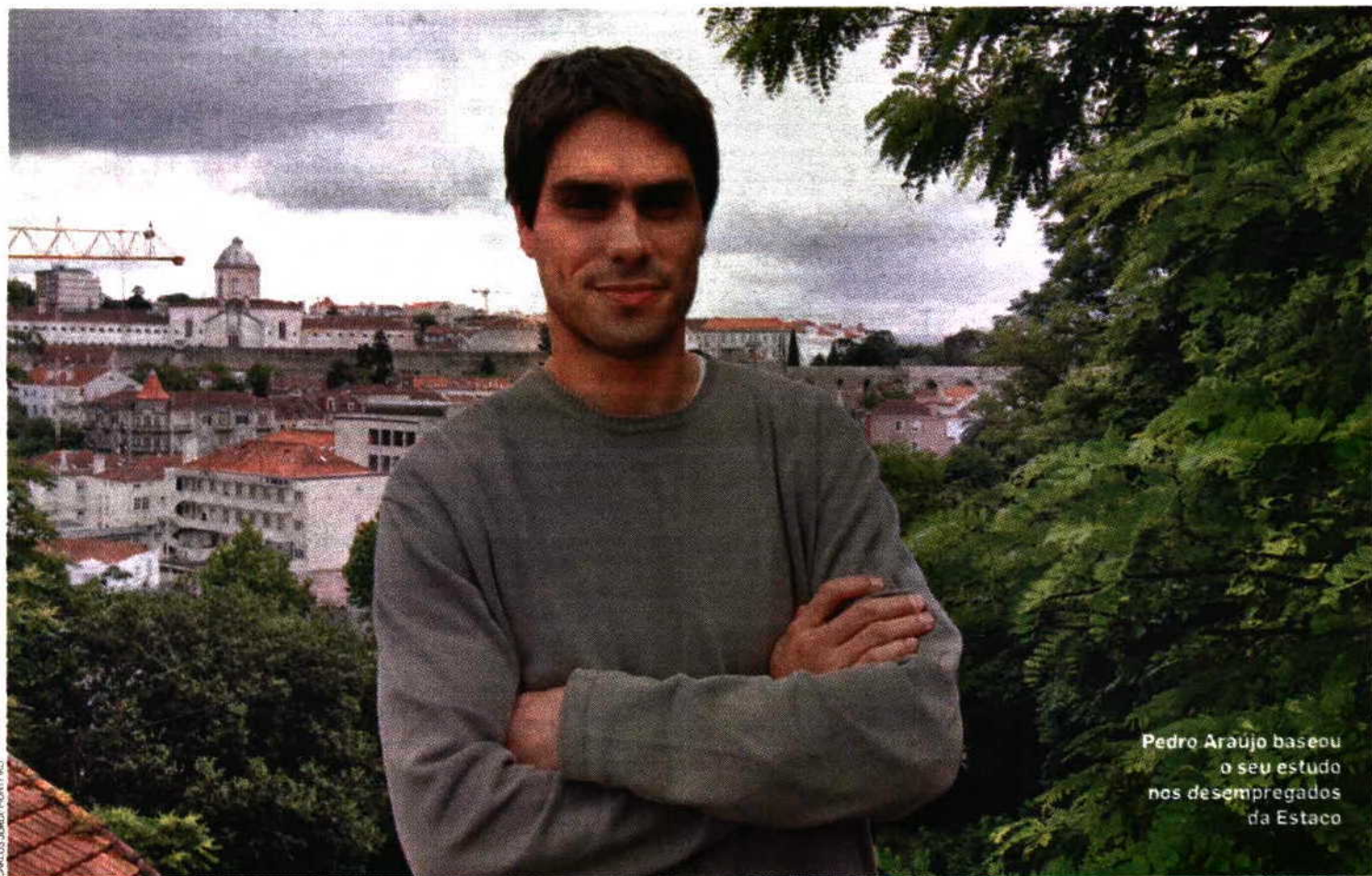


**Estudo.** Além da remuneração, estabilidade e segurança, o emprego é também uma família, amigos, uma vida. Por isso, quando fecha, como sucedeu com a Cerâmica Estaco, não se perde apenas a fonte de rendimento, conclui o sociólogo Pedro Araújo



Pedro Araújo baseou o seu estudo nos desempregados da Estaco

# Quem perde o emprego não perde apenas o salário

## Livro retrata incerteza de quem perde o emprego

JOÃO FONSECA

A fábrica era uma família, os amigos, projectos e aspirações, eram uma rotina, uma vida, a vida. A fábrica "conferia sentimentos de pertença, de utilidade, de valorização pessoal". Mas um dia, em Outubro de 2001, ao fim de mais de 70 anos de laboração, fechou. Mais de duas centenas de pessoas ficaram desempregadas, perderam um rendimento, pouco elevado, é certo, mas fixo e seguro, perderam estabilida-

de, foram expulsas da empresa, qual cidadela, que, "com o decorrer do tempo, se torna cada vez mais difícil abandonar".

O drama de quem perdeu o trabalho, que era suposto ser para toda a vida, na cerâmica Estaco, empresa de Coimbra que chegou a ter mais de um milhar de trabalhadores, é analisado em *A Tirania do Presente. Do Trabalho para a Vida às Incertezas do Desemprego*, livro a lançar, em Junho e que surge na sequência de um estudo sobre um conjunto de desempregados daquela empresa, feito por Pedro Araújo, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

"Estamos habituados a lidar com

as estatísticas do desemprego, mas esses números não dizem nada sobre a absoluta instabilidade e incerteza com que os desempregados vivem", diz, ao DN, o sociólogo. E este livro trata, afinal, de olhar a vida por detrás dos números. Dados que, de facto, não conseguem nunca traduzir o drama pessoal e familiar dos desempregados.

O tempo de serviço médio das pessoas que integram o estudo de Pedro Araújo situa-se entre os 20 e os 35 anos, que encaravam o trabalho na Estaco como o emprego para as suas vidas e que, inclusivamente, já "estavam feitas ao serviço". O desemprego tirou-lhes essa serenidade e segurança, deixou-as sem meios de sobrevivência e "comple-

tamente dependentes do Estado, situação inédita para elas, pois estavam habituadas a viver do seu trabalho".

Ao fim de todos estes anos de desemprego, os antigos empregados da Estaco continuam, em vão, a procurar emprego. Refugiam-se no trabalho agrícola (a maior parte possui pequenas parcelas de terreno), que não dá para sobreviver, mas ajuda a disfarçar a recusa do mercado do trabalho em os voltar a receber. E que anseiam pela reforma – apesar de tudo, é mais fácil lidar com a situação/estatuto de reformado do que com a de desempregado, além de que a reforma também representa uma espécie de ponto final numa situação. ■